



ALÔ! ONDE VOCÊ ESTÁ?

Roberto Patrus Mundim Pena

Até há bem pouco tempo, quando se ligava para um telefone residencial, a pergunta que se fazia ao ouvir o "alô" do outro lado da linha era: "Quem está falando?" Em famílias mais cerimoniosas, o pai recomendava não fazer essa pergunta, por julgá-la pouco educada, sem a civilidade considerada ideal. Aconselhava, no máximo, a identificar-se antes de perguntar quem estava falando: "Aqui é o fulano de tal, com quem falo?" Também orientava os filhos para, quando atendessem a chamadas, nunca dissessem quem estava falando antes de saber quem falava do outro lado. À pergunta: "Quem está falando?", respondia-se com um seco número: "Você ligou para 486-8686". Na era da informação, a pergunta mudou. Quando se liga para um telefone celular, não se pergunta

mais quem está falando. A pergunta agora é: "Alô! Onde você está?"

A razão dessa mudança é clara. Com o advento do celular, o telefone deixou de ser um aparelho de uso coletivo e se transformou em um aparelho de uso exclusivamente pessoal. Certa vez, um indivíduo ligou para o meu celular. Como eu não podia atendê-lo, pedi à minha mulher que o fizesse. Ao ouvir o alô, pronunciado por uma voz de mulher, ele disse: "Desculpe, foi engano". O telefone tocou em seguida, ela atendeu novamente e o rapaz lhe disse: "Estou ligando para o Roberto e aqui na loja me deram este número, desculpe de novo". Antes de desligar, minha mulher lhe informou que, de fato, o telefone era o meu.

Quando se liga para um telefone celular, não se pergunta mais quem está falando. A pergunta agora é: "Alô! Onde você está?"

O telefone fixo é da casa. Seu uso é coletivo. Todos os residentes fazem e recebem chamadas. O telefone celular é pessoal. Seu uso é individual. Ele vai onde o sujeito vai, no bolso, no cinto, na pasta, na bolsa. Se tocar, alguém o acha, mesmo sem saber se a hora é apropriada. As pessoas mais educadas costumam perguntar: "Você está podendo falar agora?" Como outros não fazem essa pergunta, muitos preferem deixar o aparelho desligado para não atender a ligações.

Parece claro que a pergunta não poderia continuar a mesma. Não faz sentido perguntar quem está falando quando se liga para o celular, se o seu uso é praticamente exclusivo. Embora essa pergunta, que alguns consideram uma intromissão indevida na privacidade do outro, tenha dado lugar a outra, o curioso é que a pergunta que a substituiu - onde você está? - mantém a mesma falta de cerimônia da primeira.

Vivemos em um mundo cada vez mais individualista. O consumismo anda de mãos dadas com o individualismo. Se em uma casa vivem cinco adultos, um telefone fixo serve para todos eles. Se a moderna tecnologia passa a oferecer a possibilidade de você fazer e receber ligações de onde estiver, todos vão

querer ter um telefone celular. O benefício é grande, pois o telefone nunca estará ocupado se o próprio dono não o estiver usando. No entanto, serão vendidos cinco aparelhos móveis, em vez de apenas um fixo. E mais: são cinco novas contas. Como a ligação do telefone celular é mais cara do que a ligação do telefone fixo, ninguém manda desligar o telefone fixo. Resultado: na verdade são agora seis contas.

Do ponto de vista individual, desconsiderando-se os custos e a rápida obsolescência dos aparelhos de telefonia móvel, cada um ter o seu próprio telefone é uma grande vantagem, pois ninguém vai precisar esperar que o telefone se desocupe para fazer a sua ligação. Ao descrever a ansiedade pela espera do telefonema do amado, Roland Barthes dizia que o sujeito apaixonado é aquele que espera. No caso de um telefonema, a espera exigia do sujeito apaixonado que ele ficasse imóvel, ao lado do telefone. Agora já não é mais preciso. O homem ganhou mais liberdade. Pode ir e vir como bem entender, desde que seja com o seu telefone a tiracolo, claro. Viva a tecnologia!

***A atomização da família,
ilustrada pela
individualização da posse
e do uso do telefone
celular, não deu maior
autonomia para os
indivíduos também serem
donos de si mesmos***

O apaixonado de Barthes ganha mais liberdade para procurar distrair-se da sua ansiedade de espera, mas ela continua ali, incomodando, lembrando-lhe que o outro também é livre para abandoná-lo, até mesmo para esquecê-lo. A sua ansiedade não foi resolvida. Cada vez mais livre, cada vez mais dono de novas tecnologias, cada vez mais consumidor, mas nem por isso menos ansioso. A atomização da família, ilustrada pela individualização da posse e do uso do telefone celular, não deu maior autonomia para os indivíduos também serem donos de si mesmos, capazes de administrar a própria ansiedade e respeitar o espaço e a privacidade do outro.

A tecnologia tem mudado muito rapidamente as relações sociais, mas o homem continua o mesmo.

Se o respeito à própria individualidade é um valor, também o é o respeito à individualidade do outro. O telefone celular é um fantástico instrumento que confere maior autonomia ao indivíduo. No entanto, não implica necessariamente o respeito à individualidade do outro. Desconfio que a tecnologia tem mudado muito rapidamente as relações sociais, mas o homem continua o mesmo. A falta de educação, revelada pela pergunta "quem está falando?" ainda resiste diante de uma nova tecnologia, transformada em uma nova

pergunta - "onde você está?" -, que mantém a mesma essência.

A diferença é que quando a família ainda era um grupo, havia um pai para orientar o filho a como fazer e como atender a uma ligação. Na família atomizada de hoje, temo pela ausência desse educador. Não que ele não esteja ali para ensinar o modo correto de se proceder em diferentes situações sociais. São as situações sociais que estão se transformando em problemas privados, sobre os quais os pais não têm mais a liberdade de interferir, com o pretexto de estar respeitando a individualidade do outro.

As inovações tecnológicas podem trazer novos desafios éticos, mas com a agravante de passarem despercebidos.

A consciência da civilidade, no sentido de respeitar o espaço do outro e ter para com ele e o ambiente o mínimo de educação para conviver, não cresce a reboque das novidades tecnológicas. Outrossim, parece que as inovações tecnológicas podem trazer novos desafios éticos, mas com a agravante de passarem despercebidos.

**Roberto Patrus Mundim Pena é filósofo, psicólogo, doutorando em Filosofia pela Universidad Complutense de Madri, mestre em Administração pela UFMG e professor da PUC Minas e da FACE-FUMEC. Autor do livro *Ética e Felicidade*, lançado em 1999.
e-mail: robertop@gold.com.br**
